



Tudo aconteceu muito rápido. Quando Tom foi se despedir de Lucas, de sua boca só saiu vento. Parecia ter algo entalado na garganta. Tentou cuspir a coisa. Uma, duas, três vezes. Nada. O *adeus* tinha ido parar no estômago com o sanduíche de atum. Ao longo da semana o mesmo aconteceu com *barco*, *mola*, *castelo*, *piscina*... Sorte que há palavras elásticas, como *amizade* e *amor*, que encurtam distâncias, e rotas alternativas, que abrem espaço para os sentimentos engolidos expressarem-se.



ADEUS É PARA SUPER-HERÓIS • ISABELA NORONHA



BARCO  
A VAPOR

# Adeus é para super-heróis

Isabela Noronha



Ilustrações  
Bruna Assis Brasil



1 7 5 5 6 0  
ISBN 978-85-4181-395-2



9 788541 813952

# Adeus é para super-heróis

© Isabela Noronha, 2013

Gerência editorial: Adilson Miguel

Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Natalia Zapella

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Noronha, Isabela

Adeus é para super-heróis / Isabela Noronha ; ilustrações Bruna Assis Brasil. — 2. ed. — São Paulo : Edições SM, 2016. — (Coleção barco a vapor. Série azul)

ISBN 978-85-418-1395-2

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I.  
Brasil, Bruna Assis. II. Título. III. Série.

16-02840

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição 2014

2ª edição outubro de 2016

Todos os direitos reservados a

**EDIÇÕES SM**

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

[www.edicoessm.com.br](http://www.edicoessm.com.br)



BARCO  
A VAPOR

# Adeus é para super-heróis

Isabela Noronha

Ilustrações  
Bruna Assis Brasil



AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais, Fátima e Júlio, irmãos e cunhados; a Cristina e Gustavo; a toda a minha família e aos amigos (vocês sabem quem são!). Aos meus avôs e avós, especialmente à vó Fina, que agora tem um neto chamado Tom. Ao Afonso, pela orientação generosa; a Edições SM e a Graziela, pela delicadeza com que ajudou este livro a crescer. Ao professor Neil da Brunel University e aos colegas Kat, Mick, Barbara, Sally, Matina e Sheridan, os primeiros a acreditar nesta história.*

*Para o menino que mora  
no coração do Gabri, meu amor.  
E para as crianças da minha vida:  
Bia, Jojo, Mig, Rafa e Titi.*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

TOMÁS TERTÚLIO TIMÉRIO JÚNIOR, o Tom, abriu um olho, depois o outro e os fechou de novo.

Ele tinha dois motivos para isso:

1. Sua garganta doía tanto, mas tanto, que chegou a imaginar o pescoço inchando até a largura dos ombros, quando então se transformaria num sapo — um sapo gigante de oito anos e, ainda por cima, de óculos.
2. Tom não queria ir à escola naquele dia, não mesmo.

Ainda enrolado no edredom azul, deu um tapa certo na capota do despertador Batmóvel para desligar o alarme. Apenas naqueles poucos minutos da manhã ele não adorava aquele relógio, último presente de seu pai, que, dois anos antes, tinha viajado para a “verdadeira Gotham City” e nunca mais voltou.

— Para você se lembrar de mim — disse ele pouco antes de partir para Nova York.

E Tom lembrava.

Mas ele não era o único a ouvir o toque do despertador.

Cinco, quatro, três, dois, um.

E lá estava a vó Fina para garantir que Tom se levantasse. Ela sacudia levemente as pernas do neto e, caso isso não funcionasse, fazia cócegas debaixo do braço, provocando uma invasão de risos nos bocejos dele.

— Você ri igualzinho a sua mãe! — dizia ela.

Tom não a conheceu. No entanto, sabia o que importava: a mãe tinha a risada de um garoto com sono e, de algum lugar longe demais para ver, mas perto o suficiente para sentir, ela o amava.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

— Parece muito a risada dela! Muito mesmo! — garantia a vó Fina.

Pensar nisso fazia Tom sorrir. Só que não naquela manhã.

— Para, vó... Tô doente. Minha garganta tá doendo.

— Ah, deixa eu ver. Ponha a língua para fora.

Tom fez um esforço extra para mostrar toda a língua que conseguia. Se fosse mesmo virar sapo, era bom ir treinando.

— Boas notícias! Você está ótimo!

Ele duvidou.

— Mas tá doendo muito!

— Pare já com isso. Você não vai matar aula.

Antes que Tom pudesse responder, a avó já estava na cozinha preparando suco de laranja e pão com ovos mexidos para o café da manhã. Ele levantou-se devagar, certo de que sofria de uma doença misteriosa, terrível. Era o seu fim.

Aquela dor tinha começado no dia anterior quando ele esperava a vó Fina chegar para buscá-lo na escola. Estava encostado no muro



ao lado de Lucas, em silêncio, como só os melhores amigos conseguem ficar. Devorava parte do sanduíche de atum que tinham dividido, sem tirar os olhos do relógio do amigo, especialmente dos “milhares” de botõezinhos que Lucas jurava serem capazes de façanhas como mandar mensagens para *aliens* da longínqua Galáxia V e explodir uma bomba atômica em qualquer lugar do planeta.

— Não vou estar aqui no ano que vem. A gente vai se mudar para o Chile — disparou Lucas de repente, olhando para o chão.

— O quê? Por quê?! — perguntou Tom, engolindo de uma vez o último pedaço de sanduíche, meio sem pensar, meio pensando em um montão de coisas ao mesmo tempo.

Antes que Lucas respondesse, a mãe dele chegou.

— Oi, Tom! — disse ela, já se virando para o filho: — Vamos logo, Luquinhas, mamãe tem muito que fazer hoje!

E puxou o melhor amigo de Tom pelo pulso. Com suas longas unhas vermelhas apertando os “milhares” de botõezinhos capazes de explodir o mundo, ela o levou para o carrão de janelas pretas, estacionado do outro lado da rua.

— Adeus! — gritou Lucas, porque é assim que os super-heróis falam. “*Tchau* é para humanos”, explicou ele uma vez ao Tom.

Foi aí que tudo começou.

Quando Tom abriu a boca para se despedir de Lucas, sentiu algo preso na garganta.

Talvez fosse o sanduíche de atum, pensou, mas lembrou-se de ter engolido toda sua metade minutos antes.

Tentou cuspir a coisa, mas ela não saiu.

Tossiu.

Uma, duas, três vezes.

E continuou engasgado.

O que quer que fosse tinha gosto amargo e frio, como sorvete de fumaça preta.

Ou fresco de grama queimada.

Não podia ser comida de gente, muito menos de criança.

Quando a coisa finalmente desceu até a barriga, Tom tentou dizer *adeus* de novo, mas de sua boca só saiu vento.

Ele tentou mais uma vez.

Nada, nenhum som.

O carro de Lucas foi sumindo no fim da rua.

Tom não compreendia. Examinou os fatos que tinham acabado de acontecer, como um filme que começa pelo fim:

**3.** Quando ia dizer *adeus*, só saía vento de sua boca.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

2. Algo tinha caído em seu estômago. Uma coisa de gosto esquisito que com certeza não era o sanduíche de atum.

1. Sentira essa coisa agarrada na garganta no exato momento em que se despedia de Lucas, ou melhor, quando tentava se despedir dele.

As ideias na cabeça de Tom fizeram um clique. Só havia uma explicação: era o *adeus* que ele tinha engolido. Por isso, não conseguia dizer a palavra.

*Adeus* tinha ido parar em seu estômago, com o sanduíche de atum, a merenda da escola, o suco de laranja e o pão com ovos mexidos do café da manhã. Pelo visto, aquela palavra ocupava um espaço. Naquele dia Tom só conseguiu comer feijão no almoço. Nada de arroz, bife ou salada.

Quase 24 horas ou 1.440 minutos ou 86.400 segundos depois desse estranho acontecimento, sua garganta continuava doendo e ele ainda sentia algo esquisito na barriga.

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Tom estava preocupado. Ele pensou em contar tudo para a avó quando estavam no ônibus, a caminho da escola. Porém logo desistiu. Ela não acreditaria nele. De jeito nenhum!

Quem sabe tudo se resolvesse sozinho? *Adeus* poderia simplesmente sair da mesma forma que tinha entrado. Pelo sim, pelo não, achou melhor esperar.

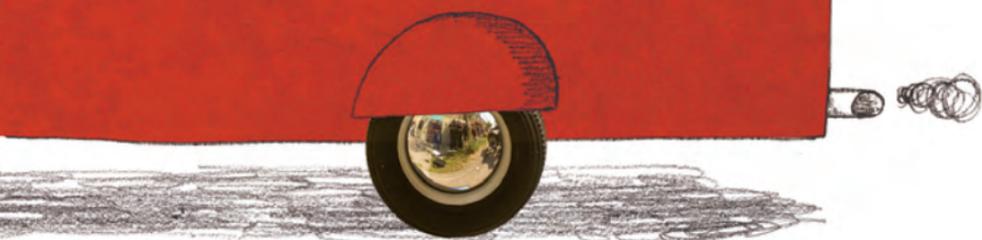
Mas o que aconteceu em seguida foi justamente o contrário. Naquela terça-feira Tom engoliu mais cinco palavras na escola.

*Barco* foi a primeira. Aconteceu durante o recreio, quando ele brincava com Lucas de “resgate na selva” e estava prestes a cruzar o rio selvagem, feito dos casacos azuis do uniforme estendidos no chão.

— A gente deve pegar... pegar...

Engasgou. E sentiu um gosto de madeira na boca.

Tudo aconteceu bem rapidinho: num segundo, *barco* desceu deslizando, escorregou da língua até o estômago como se a garganta fosse cachoeira.



— Vamos nadar até o outro lado! — sugeriu Lucas, com sua voz de herói, sem reparar no que tinha acontecido.

E lá se foram os dois.

Em seguida, veio a aula de História.

*Rei* caiu na barriga de Tom espetando um pouco. Espetando por causa da coroa, um pouco porque é uma palavra bem pequena.

*Castelo* foi mais devagar e causou soluço. Deixou Tom com dificuldade de se levantar da cadeira. Aquela palavra era pesada, feita de pedra antiga.

*Fogo* desceu queimando e continuou ardendo de levinho dentro do estômago.

A última palavra que Tom engoliu naquela terça-feira foi *Português*, quando suas colegas Beatriz e Joana perguntaram qual era a matéria de que ele menos gostava. O “s” do final da palavra se mexia feito rabo de gato e fez a garganta dele coçar de cima a baixo. Ele fez “ram, ram”. E de novo, mais forte: “ram, ram!”, provocando a reação imediata das meninas. Elas começaram a bater em suas costas, achando que era um simples engasgo. Foram muitos tapas até que, entre um “ram, ram” e outro, a coceira parou. Disfarçando a dor nas costas, Tom agradeceu a ajuda das colegas e foi esperar a vó Fina na saída.

Ele não tinha o menor controle sobre o fenômeno. Algumas vezes, frases longas saíam naturalmente, sem precisar de pausa nem para



respirar. Outras, mesmo que estivesse falando algo bem simples, uma palavra era sugada para dentro como se fosse metal e o estômago dele, um poderoso ímã.

Foi assim com *mola* e *moeda*. Elas foram engolidas em casa, quando Tom lia em voz alta o enunciado da lição de Ciências. Por sorte, a vó

Fina não percebeu, pois regava as plantas do quintal e cantava, acompanhando a canção do rádio.

Tudo se passou tão rápido que ele só entendeu o que tinha acontecido quando as palavras fizeram “tlim, tlim” ao cair em seu estômago. Depois, veio o gosto de ferrugem, que persistiu até a hora do lanche da tarde. Tom tentou resolver a situação devorando dez pedaços de broa de fubá em menos de meia hora.

Era um novo recorde para ele, o que lhe dava uma pontinha de orgulho, e para a vó Fina também.

— Estou gostando de ver! — disse ela duas vezes.

Mas naquela noite Tom não dormiu direito. Doía-lhe a garganta, doía-lhe a barriga e, de tanto pensar, doía-lhe a cabeça também.

E se ele engolisse mais palavras? E se engolisse todas elas?

Quando abrisse a boca sairia o quê? Vento e mais nada?

Ele incharia a ponto de não caber mais na carteira da escola, no banco do ônibus, no sofá da sala, na própria cama?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

E o maior medo de todos: ele explodiria?

Na manhã seguinte, Tom levantou-se antes de o Batmóvel tocar e foi até o quarto da vó Fina, as meias arrastando os pés, os pés arrastando um garoto mole de sono, porém firme na decisão de não ir à escola. Sentou-se na cama e sacudiu o braço dela.

— Vó! Vóóó! — chamou-a, sussurrando.

Ela puxou o cobertor até cobrir o ombro. Parte de Tom pensou em fazer cócegas nela para acordá-la logo. Mas outra parte, a maior, pensou em abraçá-la. Foi isso que ele fez.



— Vó, vóóó... — insistiu ele, falando alto, esquecendo-se de sussurrar. — Vou ficar em casa hoje.

Os cílios branquinhos da vó Fina piscaram devagar, abrindo passagem no sonho para a realidade e deixando à mostra os olhos verde-claros.

— Minha barriga tá doendo — insistiu ele. As sobrancelhas da vó Fina se apertaram. Agora seus olhos estavam mais para cor de floresta noturna do que de rasiño do mar, como costumavam ser.

— Então hoje é a barriga?

Tom levantou os ombros e os deixou cair pesadamente.

— Pois vamos trocar seu café da manhã por um remedinho — disse ela, erguendo-se da cama num pulo.

Ah, não! Tom tinha se esquecido daquilo.

Volta e meia, a avó inventava de fazer esses “remedinhos” que, segundo ela, curavam todo tipo de problema, de falta de sono a resistência a banho, de dor de unha encravada a joelho ralado na quadra de futebol. Em geral, eles

eram preparados com plantas e óleos. Tinham um gosto amargo e pegajoso de borracha usada que fazia quem os provasse querer melhorar na hora só para nunca mais precisar tomar um daqueles.

A avó foi para a cozinha preparar o remédio. Tom foi atrás dela e sentou-se à mesa, próximo ao balcão da pia. Estava se segurando. Era duro ter de abrir mão do pão quentinho com ovo.

Ela pegou uns frascos no armário e arrancou duas ou três folhas de um dos vasos que mantinha perto do fogão. Jogou tudo na chaleira e acendeu o fogo.

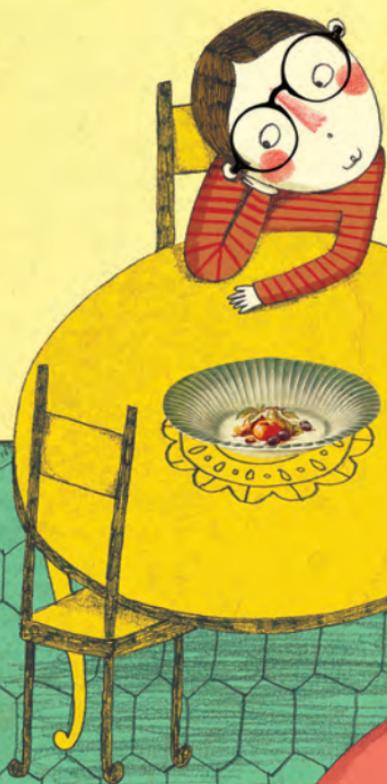
Tom tentou encontrar uma posição confortável. Mas, quando se ajeitou na cadeira, as palavras se agitaram dentro dele.

Em três minutos, um cheiro amargo de coisa verde misturada a pano mofado invadiu suas narinas. Seu estômago se revirou, mexendo as palavras de lá para cá, de cá pra lá.

Tom não se aguentou.

— Chega! — O grito foi tão alto que até ele se surpreendeu. E um pouco mais baixo emendou: — Já estou melhor.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

A vó Fina não ficou brava. Em vez disso, virou-se para o neto com um sorriso.

— Que bom! Hoje tem Educação Física, que você adora.

Depois do pão com ovo e suco de laranja, lá se foram os dois para a escola, como de costume.

Nas primeiras aulas, tudo correu bem. Tom até se esqueceu de seu problema e brincou com Lucas de “guerreiros das estrelas”, sem nem pensar no que poderia acontecer se engolissem *Júpiter, Saturno* ou *Mercúrio*.

Mas, justo na aula de Educação Física, a tranquilidade foi por água abaixo. Aconteceu quando o professor perguntou o que queriam fazer. Ele ia dizer “Jogar bola na piscina!”, mas a frase inteira escorregou de volta para dentro.

*Piscina* arranhou a garganta de Tom com suas bordas e entornou litros de água na barriga dele. Resultado: ele passou a aula toda louco de vontade de fazer xixi. Pelo menos, *bola* era macia e doce feito o marshmallow que a vó Fina comprava aos sábados.

Tom fazia de tudo para as pessoas não perceberem o que acontecia com ele. Não queria

ser chamado de esquisito. Se alguém tentava puxar conversa, ele sorria, fazia gestos com a cabeça e corria para uma sala vazia ou para o banheiro mais próximo. Até Lucas ele deixou falando sozinho na hora da saída. O amigo tinha começado a contar sobre um novo jogo de videogame, em que a missão era libertar todos os bichos de um zoológico. Tom entrou em pânico. Não podia arriscar engolir *hipopótamo* ou, pior, *porco-espinho*!

Mas não poderia agir assim para sempre.

Para complicar, as palavras não ficavam quietas: *trem*, por exemplo, apitava fininho de hora em hora no estômago. E o maior problema era que sua barriga estava crescendo a olhos vistos. Ele não queria explodir!

Precisava agir rápido. Bolou então três planos, que executou no dia seguinte.

**Plano número 1:** pegar dinheiro na carteira da vó Fina para comprar três garrafas gigantes de refrigerante na venda do seu Júlio, na esquina de casa. Depois, beber todas (sim, todas!) de uma vez. O gás das bebidas faria

com que as palavras inflassem a tal ponto que elas saíam flutuando por sua boca em um arroteo longo e sem sentido. Foi o que pensou. Mas tudo o que ele conseguiu foi uma barriga ainda mais inchada e dolorida e uma avó muito, muito zangada. Um *muito* pelo dinheiro que Tom pegou da carteira dela sem pedir e o outro *muito* pela bobagem que fez com ele mesmo.

— Não acredito no que você é capaz de fazer só para matar aula!

Ai, ai. Se ela soubesse...



**Plano número 2:** parar de comer. Tom pensou que dessa forma as palavras engolidas ficariam tão fracas, mas tão fracas, que seria fácil cuspi-las no chão. Rá! O plano não funcionou, claro, porque não alimentar as palavras significava não alimentar a si mesmo. Além do mais, ele não resistia ao macarrão à bolonhesa que a vó Fina fazia toda quinta à noite.

**Plano número 3:** encher a barriga com litros e litros de água, colocando a boca debaixo da torneira da banheira durante o banho, antes de dormir. De novo sem sucesso. As

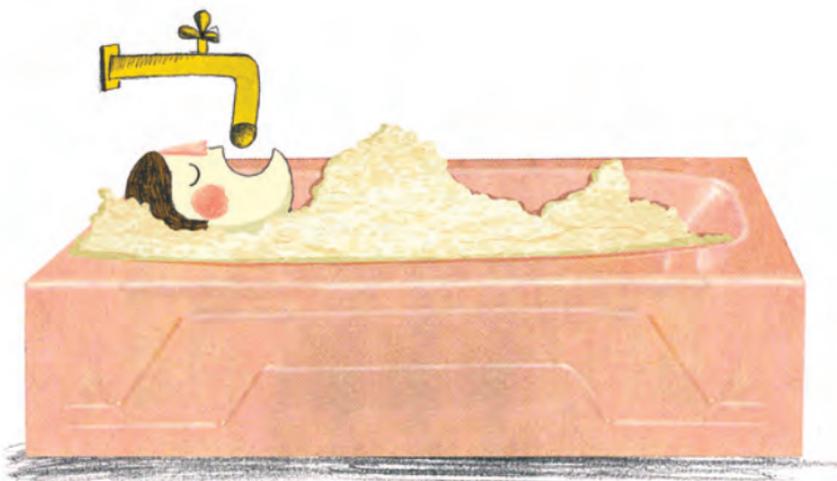


palavras não saíram boiando, nem mesmo *barco!*

Na sexta-feira, ele já havia perdido a conta de quantas palavras tinha engolido. Sabia que *chocolate* estava entre elas, porque não conseguiu pronunciá-la na cantina e teve de apontar para a prateleira, falando assim para o atendente:

— Me vê uma barra daquele doce marrom, por favor?

Tom ficava cada vez mais aflito. Além da escola, a situação em casa não estava fácil.



Evitava ao máximo conversar com a avó. Ele não podia correr o risco de engolir palavras diante dela. Se isso acontecesse, não teria jeito: ou ela o obrigaria a tomar um de seus remédinhos, ou quem sabe achasse o caso grave a tal ponto que a solução seria levá-lo ao médico, provavelmente a vários médicos, que não saberiam o que fazer, deixando-a ainda mais preocupada. Tom não queria isso.

Ou então a vó Fina ficaria brava, muito brava, mais do que o *muito* por ele ter pegado o dinheiro dela sem pedir e o *muito* por ele ter bebido seis litros de refrigerante numa tarde só. Definitivamente Tom não queria isso.

Logo depois do recreio, veio a aula de Matemática e algo surpreendente aconteceu. Bem no meio da explicação da professora Fátima, *moeda* saiu de repente, num grito tão potente e agudo que ela parou de falar e toda a classe desatou a rir, até mesmo Lucas. Esse poderia ser o começo do fim dos problemas de Tom, mas ele não se sentiu nem um pouco melhor.

Será que teria de esperar as palavras saírem

quando tivessem vontade e, pior, num grito descontrolado? Isso certamente acabaria com sua reputação. Além do mais, poderia levar anos para que todas as palavras engolidas saíssem de dentro dele!

Tom ficou tão triste que decidiu calar-se. Não queria mais falar sobre nada, com pessoa alguma. Nem com a vó Fina, que, pela primeira vez em meses, chegou no horário para buscá-lo.

No ônibus para casa, ela tentou puxar conversa e fez um monte de perguntas:

— A aula foi boa? Teve Português hoje? A professora Fátima brigou com você de novo?

Tom respondia com a cabeça, ora movimentando-a para um lado e para o outro, dizendo “não”, ora para cima e para baixo, dizendo “sim”.

Até que ela perguntou se estava tudo bem. Tom balançou a cabeça para cima e para baixo com toda sinceridade que conseguiu reunir. Infelizmente não era muita.

A vó Fina fingiu acreditar nele. Tom percebeu porque ela o deixou almoçar diante da TV — e ela havia feito isso uma única vez, no dia em que o pai dele viajou para “Gotham City”.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

$$23 + 10 = 33$$



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Ele esparramou-se no sofá, ligou o aparelho e tentava relaxar quando o telefone tocou.

— Tomááás! É o Luuucas! — gritou a vó Fina lá de dentro.

Tom não respondeu.

— Tomááás! — insistiu a avó.

Ele continuou mudo.

Até que ela se cansou e veio atrás dele com o telefone. Mas Tom não queria falar de jeito nenhum: fora amaldiçoado e passaria o resto da vida calado. Quando a avó quis lhe dar o telefone, ele fez que “não” com a cabeça.

— Lucas, ele te liga depois, tá bom?

Antes que vó Fina tivesse tempo de fazer mais perguntas, Tom correu para o quarto, fechou a porta e a cortina e se enfiou debaixo do edredom azul. Ele pretendia ficar ali para sempre ou sumir de vez. De repente, virar sapo deixou de ser uma ideia tão ruim.



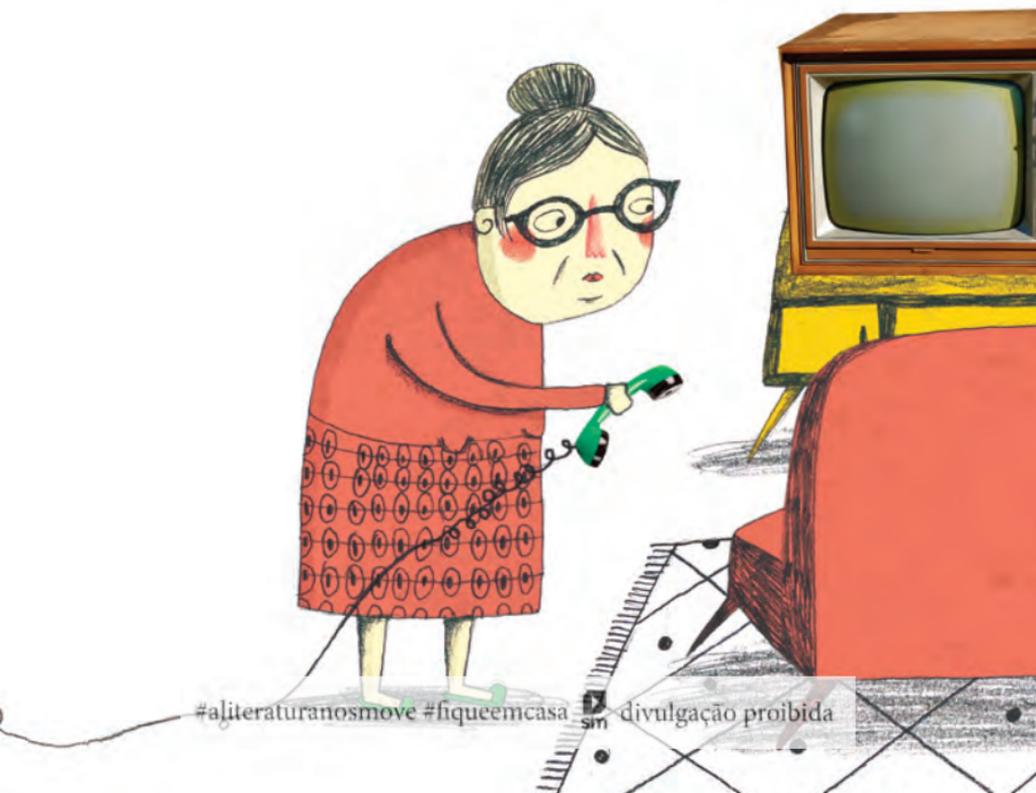
A avó veio logo atrás e bateu na porta.  
— Tomás Tertúlio Timério Júnior, o que está acontecendo?

Ele não respondeu.

— Tom? — insistiu ela.

Nada.

Tom escutou os passos da avó se afastando, os chinelos brancos batendo fofinhos, acariciando o chão. Fechou os olhos. Quem sabe, se dormisse, acordasse no sonho e passasse a viver lá, onde tudo era perfeito? Acordar na realidade todo dia era muito chato.



— Tom?

Era a vó Fina de novo, atrás da porta.

— Você tem visita!

— Sou eu, o Lucas!

Tom abriu os olhos. O amigo estava ali, mas ele não queria vê-lo, não queria conversa, não queria dar outro grito ridículo diante dele.

— Abre a porta! — pediu Lucas.

Tom continuou calado.

Da cama, ouviu o amigo caminhando em direção à porta da frente da casa. A cada passo de Lucas, o quarto dele crescia dez centímetros, ficava um grau mais frio e um tom mais escuro. Parecia estar dentro da barriga de um gigante. Agora, o engolido era ele.

A solidão era seu destino, pensou. O quarto-barriga-de-gigante, seu mundo e um despertador Batmóvel, o único companheiro. Nesse momento, o visor mudou de 16h23 para 16h24.

Que horas seriam em “Gotham City”?, perguntou-se. Será que seu pai tinha poder para “desengolir” palavras? Se pedisse ajuda, ele viria? Viria? Cobriu o rosto com o edredom.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Ali, em meio ao escuro, sentiu no estômago as pontadas do *rei*, o peso do *castelo*, o encolher da *mola*, o correr barulhento do *trem*. A mistura de palavras engolidas deixava um gosto ruim na boca. Estava prestes a fazer algo que quase nunca fazia: chorar. Quem sabe isso aliviasse a inundação da *piscina*?

Mas, então, “tum, tum, tum”.

Tom tirou o edredom da cara e mirou a porta. Não podia ver quem estava ali atrás, não com os olhos. Porém sabia que era Lucas. Seu amigo tinha voltado.

“Tum, tum, tum.” Ele batia de novo.

— Tom, já combinei com a minha mãe e a sua avó. Não saio daqui enquanto você não falar o que tá acontecendo.

Tom ouviu Lucas deslizar as costas contra a porta até alcançar o chão, onde se sentou.

Estava dividido. Se ele desse outro grito daqueles, Lucas o acharia louco ou bobo. Quem ia querer ter um amigo assim? Mas o fato era que não podia deixá-lo sentado no chão frio até não se sabe quando.

Tinha de haver uma saída.

Tom se concentrou. No entanto, as ideias não circulavam com tantas palavras no caminho.

Ele pensou, pensou até a cabeça doer. Só havia uma solução: falar com Lucas. Se saísse vento de sua boca ou um grito agudo, fazer o quê? De qualquer jeito, ele e o amigo se separariam em breve, quando Lucas fosse embora para o Chile com a família...

O quarto cresceu mais dez centímetros, ficou um grau mais frio e um tom mais escuro.

Tom levantou-se da cama vagarosamente. Sentia-se um verdadeiro soldado, pronto a se sacrificar por ideais nobres. Já estava de pé quando notou seu caderno do Batman sobre a escrivaninha. Então aconteceu de novo: as ideias fizeram clique em sua cabeça.

Como ele gostava quando isso acontecia!

Se falar era arriscado demais, escrever talvez fosse o caminho. No papel, as palavras não sumiriam, nem sairiam em gritos descontrolados.

Foi até a escrivaninha e arrancou uma folha do caderno preferido. Pegou a caneta azul e se sentou no chão, em frente à porta. No meio da página, escreveu:

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



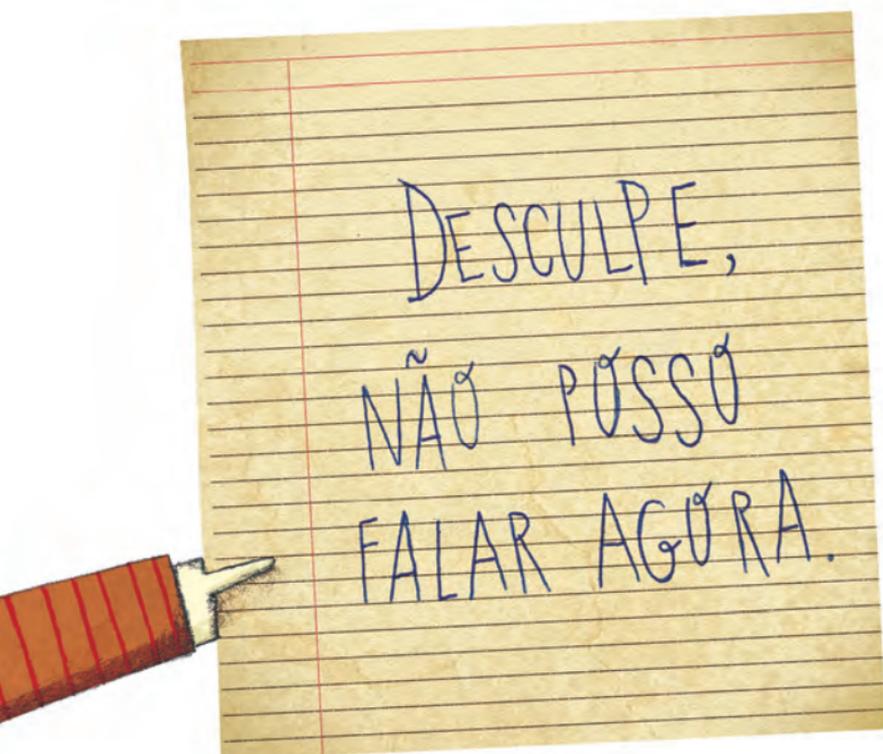
#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Desculpe, não posso falar agora.

Tom passou a folha por baixo da porta. Lucas a pegou e leu.

— Por quê? — perguntou o amigo em voz alta, espantado, devolvendo a folha.

Tom pensou durante um minuto. Sessenta segundos de silêncio, um amigo ouvindo a respiração do outro. E escreveu:



Promete que não vai rir?

— Prometo — respondeu Lucas na hora, passando a folha por baixo da porta de novo.

Tô engolindo as palavras.

— O quê? Como assim? — Lucas não conseguiu segurar uma risadinha. E lá se foi a folha de novo.

Barco.

— Há? — Lucas devolveu o papel.

*BARCO!* Tom escreveu de novo, mas em letras maiúsculas e seguidas de uma exclamação.

— Barco o quê? — Lucas ainda estava colocando a folha debaixo da porta quando Tom não suportou mais o vaivém e, lá de dentro, gritou:

— Não consigo mais falar *barco!*

Do outro lado da porta, Lucas riu bem alto. Na verdade, gargalhou.

— Por que você está rindo? — perguntou Tom.

— Porque você acabou de falar!

— Falar o quê? — Agora era Tom quem estava perdido.

— *Barco*, seu doido!

Tom parou por um segundo e reexaminou os fatos:

1. Tinha engolido *barco* numa aventura com Lucas. Aquela palavra ficou dias flutuando dentro dele (por sinal, causava enjoos de vez em quando).

2. *Barco* estava no papel. Ele mesmo tinha escrito, duas vezes.

3. Ele tinha falado *barco*, com sua voz normal, sem agudos descontrolados.

As ideias fizeram aquele clique gostoso de novo. Tinha encontrado a solução!

— Espera!

Antes de comemorar, era melhor fazer um teste. Tom estava cansado de se enganar.

Pegou o papel de novo e escreveu:

Chocolate.

Em seguida, exclamou:

— *Chocolate!* — A palavra saiu inteira, grande e mais doce do que nunca.

— Boa ideia! — respondeu Lucas.



E então foi a vez de Tom gargalhar.

Era isso: para as palavras saírem, tinham de ir antes para o papel. A folha era um trampolim para elas mergulharem no azul do quarto, no bege da escola, no cinza da rua. Tom estava livre. Levantou-se do chão, saiu correndo, pulou sobre a cama e dançou abraçado ao edredom. Do outro lado da porta, Lucas não viu nada, mas ouviu tudo.

— Tom? Tá tudo bem aí?

— Sim, tô me sentindo... — engasgou e tentou de novo: — Tô me sentindo...

Aí escreveu: *rei*.

E então conseguiu dizer:

— Tô me sentindo um rei!

Aproveitou a deixa e começou a colocar no papel as palavras engolidas. Escreveu uma frase e mandou a folha de volta para Lucas.

A bola viu o fogo brincar no castelo da piscina.

Lucas leu e riu mais ainda antes de devolver o papel para Tom, que riu mais do que o mais ainda de Lucas.

— Escreve outra!

*O trem espirrou quando a mola falava português.*

Lucas teve um ataque de riso. Tom escreveu mais catorze frases loucas: muitas das palavras que ele colocava juntas não se conheciam, estavam se vendo pela primeira vez. Quando já não se lembrava de mais nenhuma palavra engolida, abriu a porta. E abraçou o amigo o mais forte que conseguiu.

Lucas logo propôs uma nova aventura:

— Vamos brincar de capitães em alto-mar?

E os dois subiram no navio que boa parte do tempo se fantasiava de sofá da sala. Assim passaram o restante da tarde e o restante dos



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

dias que faltavam até terminar o ano. E viveram felizes para semp...

Epa! Ainda não.

De vez em quando, Tom sentia algo esquisito no estômago. Era como uma bolha de ar lá dentro. Tentava não dar atenção. “Vai ver que é assim mesmo que a pessoa fica quando engole tantas palavras”, pensava.

Lucas percebia que às vezes, no meio da brincadeira, o amigo colocava a mão na barriga e olhava para longe. Mas não queria ser intrometido e fazer perguntas chatas.

Até que nos últimos minutos da última aula do ano, Tom não conseguiu mais se segurar. A bolha dentro dele pressionava, beliscando a barriga e tentando invadir a garganta.

Para falar a verdade, lá no fundo Tom sabia que aquela bolha era uma palavra e qual era ela.

Foi por um *quase* que decidiu escrevê-la.

Esse *quase* foi porque ele percebeu que dizer aquilo era menos importante do que todas as brincadeiras, risadas, jogos e conversas.

E porque entendeu que algumas palavras são mais cheias de cores e mais fortes que as outras.

Como *amizade* ou *amor*.

Essas palavras moram dentro da gente, mesmo sem terem sido engolidas, e são capazes de se esticar, infinitamente.

Podem chegar até a Galáxia V.

Até o Chile.

Até a “verdadeira Gotham City”, onde estava seu pai.

Até para perto de sua mãe.

Podem chegar a qualquer lugar.

Mas, para isso, precisam encontrar o caminho livre.

Tom não podia deixar uma palavra engolida atrapalhar. Ele sabia o que fazer. Já era hora.

Arrancou correndo outra folha do caderno preferido. E pensou numa frase louca para colocar a palavra que permanecia em seu estômago. Com a caneta azul, escreveu:

Meu amigo foguete segura o cordão do para sempre adeus!

E o *adeus* finalmente saiu de dentro de Tom. Ele não segurou o riso. Lucas também não.

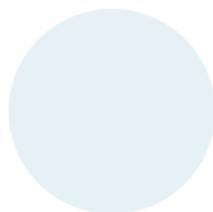
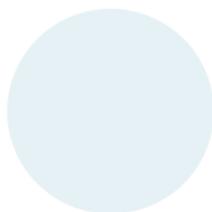




Os dois gargalharam por mais ou menos 3 minutos ou 180 segundos, ou quanto duram as risadas que só os melhores amigos, daqueles que nenhuma distância separa, podem dar juntos.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

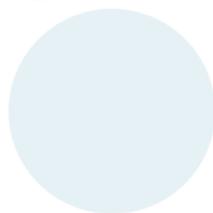
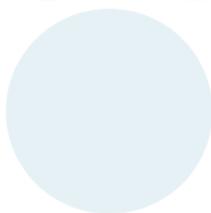
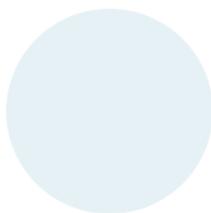
#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



**ISABELA NORONHA** nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1980. Seu apetite por palavras é de origem e de infância. De origem, porque, mineira que é, costuma comer o finalzinho das frases. De infância, porque escreve desde sempre: fez seu primeiro livro quando tinha cinco anos, uma estranha história que nunca acaba, pois seu fim é o início. Entre 2011 e 2012, estudou Criação Literária em Londres, Inglaterra, onde engoliu muitas palavras em inglês. Algumas estão dentro dela até hoje. Este livro começou a ser criado lá, na terra da rainha.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



**BRUNA ASSIS BRASIL** nasceu em Curitiba, Paraná, em 1986. Quando criança, era difícil vê-la longe de suas tintas e lápis de cor. Agora não é diferente: Bruna continua apaixonada pelo desenho. E nada melhor para alimentar essa paixão do que uma boa história, repleta de palavras inspiradoras. Em 2011, formou-se em Ilustração e Técnicas de Comunicação Visual pela escola EINA, de Barcelona. Ilustrou mais de 25 livros.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

**FONTES** Unit Rounded e Augereau

**PAPEL** Offset 120 g/m<sup>2</sup>